

A chave do sucesso está na existência de um mercado livre

Igor Cornelsen

As eleições presidenciais e a crise inflacionária têm sido responsáveis pela crítica e autocrítica do papel do Estado na economia.



Os conservadores, aqueles que querem manter o Estado atuando da forma presente, isto é, regulando desde o preço do automóvel até quem pode abrir posto de gasolina, paradoxalmente vem dos partidos da esquerda.

Os reformistas querem o Estado cumprindo suas funções naturais de educar, prover saúde, segurança, transporte público. Estes estão no espectro mais à direita dos partidos políticos, mais atualizados em relação ao que de mais eficiente ocorre nos países desenvolvidos acham que o Estado não deve ter papel de destaque na economia.

Existe uma fórmula para sairmos do impasse sem grandes traumas políticos.

A chave para o sucesso se chama promover a concorrência.

Não é necessário muito esforço para se descobrir que onde impera a concorrência de mercado os produtos são melhores e os preços mais baixos. A título de ilustração tomemos os exemplos:

1 — A Coca-Cola dominou o mercado brasileiro deste tipo de refrigerante por algumas décadas. Nesse período quase nenhuma evolução na venda do produto aconteceu. Quando a Pepsi-Cola decidiu entrar no mercado para valer passamos a ter os mais diversos tipos de embalagens, tamanhos e até tampas que vieram ao encontro do interesse dos consumidores.

2 — O mercado alemão ocidental de veículos é totalmente livre, enquanto o oriental não tem nenhuma concorrência. Ao cair o muro de Berlim, pudemos com-

parar os BMW e Mercedes com os Trabants.

O mesmo povo, a mesma cidade e trinta anos de concorrência separam os Trabants dos carros da Alemanha Ocidental.

A rigor, pouco importa se uma empresa tem como acionista o governo ou a iniciativa privada, desde que os políticos não tenham o poder de apontar diretores nem empregados e desde que a empresa se encontre num mercado competitivo.

Quais as medidas que deveriam ser tomadas, para evitarmos os conflitos políticos necessários para a privatização, o desmonte dos cartéis e monopólios, e o corporativismo?

1 — Promover a concorrência, os mercados e os leilões para todas as atividades onde o Estado se envolva.

2 — Liberar importações, mas por favor com câmbio livre a fim de se evitar o desastre econômico causado no fim dos anos 70 e início dos 80, na Argentina e no Chile.

3 — Liberar os preços de todos os produtos.

4 — Desregular os mercados e acabar com reservas.

5 — Promover o Brasil como hóspede e bom parceiro de capitais e tecnologias privadas internacionais.

6 — Proibir aporte de capitais ou empréstimos de bancos públicos a estatais, de tal sorte que as não viáveis sejam liquidadas.

As estatais que sobrevivem podem ser privatizadas com o tempo via venda de ações em bolsas de valores.

Podem ter certeza de que essas estatais sobreviverão e que o corporativismo vai acabar com a concorrência. O Brasil é um país muito competitivo para se fechar à concorrência.

Com uma política semelhante, Felipe Gonzales vendeu as estatais para as multis; livrou a Espanha do corporativismo da estagnação e da inflação, para inseri-la na Europa.

O Brasil é, porém, muito mais viável que a Espanha.

Igor Cornelsen é sênior vice-presidente do Standart Chatered Merchant Bank.